

Volta a Portugal em cafés

Numa sexta-feira, não uma sexta qualquer porque até era Sexta-feira Santa, imbuído de espírito convival e nenhuma ideia em particular, André Toscano usou o Twitter para criar um miniconcurso: o Coffee Showdown. O resultado foram mais de 1400 quilómetros percorridos Portugal fora, tudo para partilhar (e pagar) uns cafés aos concorrentes.

“Temos de tomar um café” é daquelas frases-bengala, quase já entrincheiradas na língua portuguesa para representar um hábito que facilita encontros mas que também pode significar o adiamento constante de uma conversa, de um projecto. Não foi bem daí que a ideia para o Coffee Showdown surgiu, mas o medo da procrastinação 123 do não comprometimento fez o projecto espontâneo ganhar proporções nacionais.

Em poucas linhas, o Coffee Showdown de um dos *bloggers* do Diz Que Disse começou assim: “Enviei uma mensagem através da nossa conta, com as letras das palavras trocadas, e a desafiar quem compreendesse a mensagem para enviar uma frase de volta nos mesmos termos. Eamtsos a flaar de qluaeqr csoia asism. E prometi que pagava um café a todos os que o fizessem.” A resposta foi positiva, as frases truncadas multiplicaram-se e entre 30 e 40 pessoas responderam ao desafio. Porquê um café? “Porque era uma coisa que eu poderia pagar”, explica André Toscano à Pública.

A ideia ganhou fôlego de volta a Portugal quando se tornou

evidente que havia gente de muitos locais distantes. “Pareceu-me boa ideia pegar no carro e percorrer o país de alto a baixo e ir ter directamente com as pessoas”, completa Toscano, engenheiro de som e *blogger* desde 2000, num *email*. É que “se as pessoas soubessem que eu andava a calcorrear meio mundo para ir ter com elas, provavelmente sentir-se-iam suficientemente pressionadas a comparecer. E assim aconteceu.”

Com o colega João Troviscal, também do blogue humorístico Diz Que Disse, meteu-se no carro na sexta-feira seguinte e começaram a queimar asfalto, tudo em prol de um bom café e de umas horas de conversa. Primeiro foi o Algarve – Portimão e Faro –, depois Viseu, Porto, Leiria e Lisboa. Nas várias etapas, alimentadas a Red Bull e ao farnel comido no carro para poupar tempo, foram tomando os cafés com os “vencedores” do concurso. Para trás ficaram 1476 quilómetros, “cerca de 20 pessoas muito simpáticas e que se prestaram a vir ter conosco nos sítios por onde passámos” e litros de gasóleo e de café.

O balanço de um concurso que quase não o era – admita-se que os critérios não eram propriamente exigentes – é mais do que positivo. “Foi um *feeling* do caraças!”, entusiasma-se André Toscano, ainda



- www.dizquedissem.com
- <http://twitter.com/dqd>
- <http://search.twitter.com/search?q=coffeeshowdown>
- <http://www.dizquedissem.com/2009/04/coffee-showdown-o-video/>

galvanizado pela concretização tão prazenteira de uma simples ideia comunicada através do Twitter. “Adorámos conhecer toda a gente e fazer esta brincadeira”, regozija-se. Os gastos (“100 euros em gasóleo, 90 euros em portagens e perto de 20 euros a oferecer cafés e bebidas”) foram ultrapassados pela vontade de fazer mais, de conhecer mais gente unida por um teclado e separada por um país de estradas e caminhos.

“Se conseguirmos arranjar um patrocínio, para a próxima gostaríamos de fazer isto de helicóptero, assim poderíamos ir a mais locais num só dia”, ri-se o mobilizador do Showdown, que até já andou a ver preços de aluguer de helicópteros e que arrisca mesmo que a Red Bull, já que os manteve acordados ao volante, até podia achar piada a financiar mais um Showdown. Mas mesmo, mesmo bom foi a experiência, “que nos deixou satisfeitos e trouxe boa

Você tem a mania de quê?
Partilhe as suas manias
publica@publico.pt

disposição a cerca de 20 pessoas. Valeu a pena”.

Depois de um fim-de-semana na estrada e de um projecto que surgiu espontaneamente e que cresceu no Twitter e na Web, o que deu mais trabalho “foi mesmo contactar as pessoas que conhecemos e pedir-lhes que não dissessem nada sobre isto ao meu amigo Nuno Markl” – é que a partir daí seriam demasiados cafés, demasiados amigos instantâneos e o projecto ganharia uma dimensão incomportável. Ainda assim, ele soube. Mas a selecção já estava quase terminada e os “estragos” não foram muitos.

Para recordar ficam os comentários no Twitter em plena estrada e as fotos do *tour* de café com todos os participantes. E suas bicas, cimbainhos, abatanados ou italianas... ou simples cafés. ●
Joana Amaral Cardoso

jac@publico.pt

Nós no mundo Ricardo Garcia

O

primeiro Dia da Terra foi celebrado em 1970, num momento em que não havia Internet, nem *email*, nem Twitter, nem Facebook, nem nenhuma das mirabolantes macaquices da comunicação moderna que andam a deixar muita gente por aí de queixo caído. Mas havia telefones, telégrafo, jornais e o normal correio. Funcionou. Cerca de 20 milhões de pessoas protestaram em prol do planeta, aderindo ao apelo do senador norte-americano Gaylord Nelson, o pai da coisa. E a data 22 de Abril ficou para sempre marcada no calendário. Para não ficar para trás, as Nações Unidas aparecerem logo depois, em 1972, com o Dia Mundial do Ambiente (5 de Junho). É a força do capitalismo: o mundo nem bem acordara para os seus problemas ecológicos e já havia concorrência no sector das efemérides.

Naquela altura, a sociedade efervescia. O Maio de 68 em Paris, a contracultura dos *hippies*, o movimento antiguerra do Vietname. Não foi difícil aproveitar o embalo para lançar um Dia da Terra. A sua génese, porém, vem de trás. Desde o início dos anos 1960 que o bichinho da ecologia já mexia, sobretudo nos Estados Unidos. Os malefícios dos pesticidas tinham sido postos a nu em 1962 por Rachel Carson, no seu *Primavera Silenciosa*. Iniciava-se o germe de uma bola de neve de inquietações ambientais.

Gaylord Nelson teve, naquele momento, uma ideia: convencer o Presidente Kennedy a fazer um périplo pelo país, sobre o tema da conservação da natureza. Foi talvez a primeira “presidência aberta” de ambiente da História. Mas teve um impacto efémero (embora Nelson não tenha desistido até que, anos mais tarde, apareceu com o Dia da Terra).

A ideia fez escola em Portugal, tanto em conteúdo, como em resultado. Mário Soares fez a primeira presidência aberta ambiental, nos anos 1990, e agitou as consciências por 15 minutos. Os seus sucessores no Palácio de Belém também as tiveram, mas sem impacto. Cheira-me que, hoje, já não fazem sentido. Não há mais dias da Terra para inventar. ●

nosnomundo@publico.pt

Porquê

Por que é que um cubo de gelo racha quando é mergulhado num líquido?

É tudo uma questão de temperaturas - que por seu turno são a medida da vibração dos átomos que formam todas as coisas. Um cubo de gelo estará sempre mais gelado do que água (no estado líquido, claro), um suminho de laranja ou um *whisky*. Quando entra em contacto com um líquido mais quente, o que faz o gelo rachar é a tensão mecânica que o gelo sofre devido à diferença de temperatura entre a zona exterior do gelo que contacta com o líquido e o interior do cubo,

segundo o físico John Link. ●
Joana Amaral Cardoso

O Presidente Kennedy fez a primeira “presidência aberta” de ambiente da História

